

VERISSIMO

A prova da Velhinha



Marcelo

mercialização do seu nome e da sua fama e até hoje nem sabe que o movimento na vizinhança é por sua causa, apesar das pessoas que acampam dia e noite no seu quintal na esperança de vê-la ou, pelo menos, o seu gato Eduardo Jorge. Disseram-lhe que é um parque de diversões itinerante e ela acreditou, só estranhando que o parque itinerante nunca vá embora.

O presidente telefona regularmente para a Velhinha, principalmente antes de fazer um pronunciamento à nação, para contar o que vai dizer e per-

guntar o que ela acha. A versão de que a falta de energia se deve apenas à falta de chuva só foi oficializada depois que a Velhinha acreditou. Ultimamente ela tem recebido a visita de vários ministros do atual governo que vão a Taubaté fazer o que está sendo chamado de “a prova da Velhinha”, para o caso de serem o candidato da situação na próxima eleição presidencial. Eles levam presentes — o Serra, por exemplo, leva amostras de remédios — e contam histórias fantásticas para a Velhinha enquanto comem seus biscoitos, testando sua credibilidade. A Velhinha acredita em todos, acha que qualquer um continuaria a obra magnífica do seu antecessor e só confessa uma certa preferência pelo Tasso Jereissati porque ele “tem carinha de bebê”.

Enquanto isto, há uma ordem expressa do Planalto para que, aconteça o que acontecer, a luz na casa da Velhinha não seja cortada. Pode faltar luz em qualquer casa do país, menos na da Velhinha. O medo em Brasília é que ela tropece no gato no escuro, caia, bata com a cabeça e o governo acabe.

A mão direita da esquerda

OLAVO DE CARVALHO

Desde o fim da URSS, a esquerda nacional tem-se empenhado dia e noite em advertir os nossos nacionalistas — especialmente os das Forças Armadas — contra o perigo do mundo unipolar e em persuadi-los a tornar-se esquerdistas por patriotismo. Há pessoas que vivem disso, e há pessoas — até nas Forças Armadas — que acreditam nelas. Mas só um perfeito idiota não percebe que a potência dominante que nos impõe as políticas econômicas contra as quais a esquerda se bate é a mesma que nos impõe o politicamente correto, o abortismo, o feminismo, o ecologismo e, enfim, todos os modelos culturais que constituem o restante do programa da própria esquerda.

Muito menos é possível a um cérebro medianamente são deixar de notar que as fundações e empresas multimilionárias que subsidiam a difusão desses novos modelos de conduta são as mesmas que, por outro lado, sustentam a implantação da Nova Ordem Mundial e das tais políticas econômicas que os apóstolos desses modelos alardeiam execrar.

E quem quer que perceba essas duas coisas não tem como evitar a conclusão de que o mundo unipolar é ainda mais unipolar do que os portavozes da esquerda desejariam dar a entender. Tão unipolar, que dele provêm não somente as propostas que a esquerda odeia, mas também as que ela ama e personifica. E dele, igualmente, vem o dinheiro para subsidiar a implantação de uma coisa e da outra.

A esquerda, em suma, utiliza-se de um vocabulário estereotipado da

época da bipolaridade para iludir os nacionalistas, desorientá-los e subjugá-los à estratégia mundialista, atraindo seus ataques numa direção falsa para que não atinem com a verdadeira. O componente essencial desse vocabulário é a velha identificação do “norte-americano” com o “liberal-capitalista”, da qual decorre, automaticamente, a confusão do nacionalismo com o estatismo, o Estado previdenciário e, “last not least”, o socialismo.

É com a finalidade de legitimar esse brutal engano que o discurso corrente dos homens de esquerda contra o FMI e a Nova Ordem Mundial apresenta estes dois fenômenos como se fossem a quintessência do liberal-capitalismo e não, precisamente ao contrário — como o demonstra a história — invenções puramente socialistas destinadas a estrangular, junto com a liberdade econômica, a liberdade política no mundo. FMI e Nova Ordem Mundial são capítulos da história do centralismo avassalador que tudo sacrifica no altar do controle burocrático e da economia planificada, os ídolos já mil vezes desmascarados, de cujos poderes místicos a propaganda socialista promete, no entanto, obter a cura de todos os males. Do primeiro, disse seu próprio inventor, Lord Keynes, que era “essencialmente uma concepção socialista”. Quanto à segunda, foi de ponta a ponta uma criação do famoso “think tank” londrino do socialismo gradualista que, após passar por várias denominações, acabou se notabilizando como Fabian Society. Foi um de seus membros mais ilustres o escritor H. G. Wells, que delineou já em 1928 o programa inteiro da Nova Ordem Mundial e o publicou no seu

livro “Conspiração Aberta”.

“Aberta” é força de expressão. “Conspiração” também. O socialismo fabiano jamais se envolveu em atentados, comícios, passeatas, muito menos em conspirações de porão. Tudo o que ele faz é preparar intelectuais para colocá-los em altos postos de assessoria desde os quais posam, discretamente, mas sem nenhum segredo, incutir idéias socialistas nas cabeças dos governantes. O esquema foi inventado pelo teórico Graham Wallas, que com cinco décadas de antecedência formulou a estratégia gramsciana da “ocupação de espaços” e da “revolução passiva” (e dizer que Gramsci ainda passa por gênio!). A magnitude dos efeitos da coisa contrasta singularmente com a circunspeção dos meios. Praticamente todos os grandes giros da eco-

nomia moderna no sentido centralizador e socializante do Estado previdenciário foram planejados por socialistas fabianos. Só para dar uma idéia do alcance da sua influência, os planos de governo de três dos mais poderosos — e dos mais estatizantes — dentre os presidentes dos EUA, Roosevelt, Kennedy e Johnson, foram diretamente copiados de obras de autores fabianos e adotaram até seus títulos: o “New Deal” de Roosevelt é um livro de Stuart Chase, a “New Frontier” de Kennedy um livro de Henry Wallace, e a “Great Society” de Johnson um livro do próprio Graham Wallas.

Malgrado seu estilo *soft*, antes social-democrático que comunista, os fabianos sempre consideraram a URSS uma valiosa aliada na sua luta contra o liberal-capitalismo. No fun-

Cavalcante



do, ela foi bem mais que isso: desertores da KGB informaram que pelo menos um dos livros de Sidney Webb, o mais célebre presidente da Fabian Society, não foi escrito por ele, mas veio pronto do Ministério das Relações Exteriores soviético. É compreensível. Muito antes de Gramsci, a URSS também já havia descoberto as virtudes do gradualismo reformista que, pelo alto e no macio, socializa o mundo mais depressa do que poderiam fazê-lo alguns milhares de Ches Guevaras — os autênticos bois de piranha do único socialismo que sai sempre vencedor.

A suprema vantagem do método discreto é que, quando os engenhosos planos estatizantes de intelectuais socialistas desconhecidos do povão fazem por fim pesar sobre o bolso das massas o custo imensurável da sua tolice, nunca faltam na praça intelectuais de esquerda radical, que, ignorando ou fingindo ignorar tudo do trabalho de seus parceiros fabianos, lançam a culpa do desastre... no capitalismo liberal!

Não veja a tua mão esquerda o que faz a tua direita, ensina a Bíblia. O socialismo tem a sua própria versão demoníaca desse ensinamento: não vejam as tuas massas barulhentas o que fazem os teus aliados silenciosos — e assim, não sabendo quem as oprime, elas descarregarão sua fúria no bode expiatório que melhor convenha à tua estratégia.

Resta saber apenas se os nossos nacionalistas — sobretudo os das Forças Armadas — consentirão em reduzir-se ao papel de massas manipuladas.

OLAVO DE CARVALHO *é filósofo.*

Ainda e sempre, evangelizar

D. EUGENIO DE ARAUJO SALES

O VI Consistório Extraordinário, convocado pelo Papa João Paulo II, teve por tema “Prospetivas da Igreja para o 3º Milênio à luz da Carta ‘Novo Millennio Ineunte’”. Com a participação de 155 cardeais, foi o mais numeroso da história.

No comentário da semana anterior, tentei abordar ocorrências do primeiro dia, que teve início com a recitação da Liturgia das Horas e a saudação do cardeal decano ao Santo Padre, que foi recebido no Plenário com calorosa salva de palmas (o mesmo se repetiu no começo de cada sessão) e a palavra do Papa João Paulo II dirigida aos presentes. Pôs em evidência a finalidade da reunião: a “ação da Igreja no 3º Milênio, sublinhando os objetivos missionários, as prioridades, os métodos de trabalho mais eficazes e a procura dos meios necessários” ao êxito da evangelização.

Nos dias subseqüentes, continuaram os pronunciamentos dos cardeais. A quarta-feira, 23 de maio, foi dedicada à discussão dos objetivos do Consistório, em dez grupos linguísticos. No final do dia, reunido em assembléia geral, o Plenário tomou

conhecimento dos resultados e foi lida uma Relação Final.

O círculo de estudos em língua portuguesa apresentou em Plenário as diversas propostas, atendendo às finalidades da reunião. Entre elas, a urgência de uma intensa evangelização “tanto nos países de longa tradição católica como naqueles que pouco ou nada conhecem de Jesus Cristo”. Os participantes sugeriram “o lançamento da missionariedade da Igreja tanto no plano Ad Gentes como nos ambientes já católicos, nos grandes “areópagos”. No que diz respeito a Jesus Cristo “será necessário proclamar, com clareza e coragem, a unidade de Jesus Cristo e que ele é o único Salvador para a humanidade”. Igualmente será necessário “proclamar a instituição divina da Igreja, a qual, hoje em dia, é muitas vezes contestada ou esvaziada, como instrumento de salvação”. Acentuou-se, também, a importância de uma autêntica catequese que transmita realmente esses grandes conteúdos do “kerigma”, a natureza da Igreja. A evangelização deve, obrigatoriamente, conduzir a pessoa a um profundo encontro com Cristo, pois assim surgirá a adesão a Ele e nEle o envolvimento pessoal. Para tanto, “não basta ensinar todas as coisas sobre Je-

sus, mas é indispensável (...) um encontro pessoal e definitivo com Jesus Cristo”.

Para diminuir a distância entre o comportamento dos fiéis e a doutrina da Igreja, é preciso explicar as razões da moral e uma nova reflexão sobre toda essa matéria, a exemplo de João Paulo II, em “Veritatis Splendor”. Isso leva em conta, também, os resultados das ciências humanas. A evangelização “nunca deve ser feita numa forma impositiva ou autoritária, mas, em primeiro lugar, através de um diálogo que acolhe as pessoas ou grupos”. A dimensão ecumênica e inter-religiosa não impede, ao contrário, exige, que anunciemos integralmente o conteúdo de nossa fé. O serviço ao mundo e a solidariedade com os pobres são outros aspectos do processo da difusão da Palavra de Deus. Foi fortemente salientado o papel dos leigos e dos meios de comunicação social nessa matéria.

Igualmente mereceu destaque a função do ministério petriano nas igrejas particulares: “O primado de Pedro é a grande garantia da unidade de toda a Igreja”. Foi pedido ao Papa que se dirigisse aos bispos para que exercessem o seu magistério episcopal enfrentando com coragem os desvios da fé, em suas bases, de forma

firme, mas pedagógica e misericordiosa.

Houve referências à santidade da Igreja, à questão ecológica, à globalização, aos problemas das drogas, ao desemprego, à pobreza e à revalorização do domingo, dia do Senhor.

Esses tópicos, extraídos de um dos grupos linguísticos, o lusitano, dão uma idéia do rumo do trabalho realizado. Após elevado número de intervenções, os participantes, reunidos por idiomas, apresentaram as propostas, levadas de novo ao Plenário. Elas representavam a resposta dada ao Papa, convocando o Consistório, sugestões ao Vigário de Cristo. O Santo Padre, presente às reuniões, ouvia atentamente o que cada um desejava dizer-lhe de público, tudo para o bem da Igreja.

O Colégio Cardinalício publicou uma mensagem que assim começa: “Ao término do Consistório, nós, cardeais, vindos de todas as partes do mundo, reafirmamos nossa profunda comunhão de fé e de amor com o Santo Padre, Sucessor de Pedro.” E, no término do almoço conclusivo, na Casa Santa Marta, no Vaticano, o Papa falou deste modo aos cardeais, antes de eles retornarem a seus países: “Agradeçamos ao Senhor pelos dias de graça e de profunda comunhão

eclesial que, juntos, vivemos. Esse Consistório Extraordinário permitiu reforçar os vínculos de fraternidade, de estima recíproca e de profundo relacionamento que nos une, no serviço da Igreja.”

Os participantes eram originários de todos os continentes. Um total de 68 países. Cada cardeal exerceu ou exerceu uma atividade religiosa de grande relevância, em cidades importantes de todo o mundo. Representavam extraordinária soma de experiências sobre a humanidade, seus problemas e possíveis soluções. No entanto, pouco poderá fazer o pastor sem seu rebanho e este, sem aquele, será inexoravelmente vítima dos lobos. O Vigário de Cristo pede a seus colaboradores imediatos reflexões e rumos para uma maior eficácia do trabalho que lhe foi confiado pelo Redentor. Juntos, peçamos ao Espírito Santo, que de modo invisível nos dirige, nos ilumine para obedecer a Jesus. Jamais devemos tentar construir a Igreja como uma obra meramente humana, isto é, conforme nossas idéias, concepções, pontos de vista ou ideologia. Permanecemos sempre fiéis à vontade de Deus.

D. EUGENIO DE ARAUJO SALES *é cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro.*